

**O amor e a fidelidade como pontos básicos para a salvação.**

**(A parábola dos lavradores maus)**

Amados irmãos, que a paz do Senhor esteja sempre com todos vocês!

Neste vigésimo sétimo domingo do Tempo Comum (4.10.2020), Jesus nos apresenta a parábola dos lavradores maus que, pela ganância e desamor, não apenas apoderaram-se da vinha de seu senhor, mas surraram os seus servos mensageiros e ainda mataram seu filho. Convido vocês, após a leitura dessa rica passagem, a refletirmos juntos sobre seu conteúdo e sua mensagem, especialmente na sua aplicação em nosso cotidiano.

Naquele tempo, disse Jesus aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos do povo: “Ouvi outra parábola: havia um pai de família que plantou uma vinha. Cercou-a com uma sebe, cavou um lagar e edificou uma torre. E, tendo-a arrendado a lavradores, deixou o país. Vindo o tempo da colheita, enviou seus servos aos lavradores para recolher o produto de sua vinha. Mas os lavradores agarraram os servos, feriram um, mataram outro e apedrejaram o terceiro. Enviou outros servos em maior número que os primeiros, e fizeram-lhes o mesmo. Enfim, enviou seu próprio filho, dizendo: ‘Hão de respeitar meu filho’. Os lavradores, porém, vendo o filho, disseram uns aos outros: ‘Eis o herdeiro! Matemo-lo e teremos a sua herança!’ Lançaram-lhe as mãos, conduziram-no para fora da vinha e o assassinaram. Pois bem: quando voltar o senhor da vinha, que fará ele àqueles lavradores?” Responderam-lhe: “Mandará matar sem piedade aqueles miseráveis e arrendará sua vinha a outros lavradores que lhe pagarão o produto em seu tempo”. Jesus acrescentou: “Nunca lestes nas Escrituras: ‘A pedra rejeitada pelos construtores tornou-se a pedra angular; isto é obra do Senhor, e é admirável aos nossos olhos’ (Sl 117,22-23)? Por isso vos digo: ser-vos-á tirado o Reino de Deus, e será dado a um povo que produzirá os frutos dele”. (Mt 21,33-43)

O Evangelho de hoje apresenta-nos a segunda das três duras mensagens de Jesus, após seu retorno a Jerusalém, direcionadas, especialmente, aos líderes religiosos judaicos. A primeira delas, como vimos na semana passada, refere-se ao engano das aparências e esta de hoje à fidelidade dos trabalhadores da vinha.

Nesta parábola, mais uma vez, Jesus nos traz o senário da vinha, cujo proprietário não a explorou diretamente após tê-la plantado, confiando-a a uns vinhateiros que deviam dar-lhe um determinado percentual dos frutos produzidos. Porém, ao aparecerem os servos do senhor da vinha com vistas a buscar o percentual que lhe pertencia, os lavradores os maltratam, chegando a assassinar dois deles. O próprio filho do dono da vinha, na crença de que ele seria respeitado pelos vinhateiros, é enviado para lembrar os lavradores de seu compromisso e recolher o que era devido, mas estes, tomados pela cobiça, assassinam o herdeiro enviado. A mesma parábola é mencionada por Marcos (Mc 12,1-12) e Lucas (Lc 20,9-19), com um pouco mais de detalhes na descrição dos servos maltratados e mortos.

Atentemo-nos para algumas possíveis interpretações sobre as representações apresentadas por Jesus nesta parábola que traz, mais uma vez, o confronto entre Deus e a humanidade, mais especificamente os que se contrapõem à sua Verdade. A *vinha* somos nós, o povo de Deus; o dono da *vinha* é o próprio Deus; os *lavradore*s são os líderes religiosos responsáveis por trabalhar a *vinha*, visando à produção de frutos; os *servos* enviados pelo senhor são os profetas, tão perseguidos e até mesmo apedrejados e mortos; e o *filho* do senhor, morto pelos vinhateiros fora do cercado da vinha, é o próprio Jesus, crucificado e morto fora dos muros de Jerusalém.

Evidenciamos um terrível cenário. Os locatários, levados por desamor e ganância sem limites, não apenas se recusaram a entregar os frutos devidos ao senhor, encerrando qualquer tipo de relacionamento com ele, maltrataram e assassinaram os servos enviados, inclusive o seu próprio filho.

Iniciemos nossa reflexão com a seguinte questão, mesmo que a ideia mais provável de comparação aos locatários tenha sido com os religiosos israelenses, seria imaginável que um senhor de terras, cuja dívida dos lavradores arrendatários de sua vinha não fosse paga, enviasse vários servos emissários de tal cobrança? Em Mateus e Lucas vemos três, mas em Marcos vemos, além dos três, diversos outros que tiveram o mesmo fim. Poder-se-ia imaginar que o mesmo senhor enviaria seu próprio filho, na crença de ser acolhido e respeitado pelos vinhateiros, mesmo depois de terem surrado e assassinado os servos anteriormente enviados? Pois é, tal inimaginável e improvável atitude humana foi propositalmente apresentada por Jesus para demonstrar, inicialmente, a ilimitada e incansável paciência de Deus para com sua criação, por mais teimosa, limitada e pecadora que seja, rompendo com Ele a todo momento, com atitudes que vão de encontro às suas solicitações e às suas orientações, rejeitando, frequentemente, seus sinais de alerta e bloqueando sua linha de mensagens por intermédio de terceiros e de fatos tão retumbantes, simplesmente os rechaçando. Contrapondo-se à ganância e ao desamor desmedidos dos lavradores (seres humanos), Deus (o senhor da vinha) apresenta uma paciência ilimitada.

Outro aspecto que merece ser frisado, com a mesma ressalva apresentada acima em relação à representação dos vinhateiros, refere-se à condição de locatários dos agricultores, ou seja, não são donos da terra, não são proprietários, eles somente trabalham pelo pagamento de parte do fruto produzido, são arrendatários apenas. Entretanto, agem como se tudo a eles pertencesse, reclamando a totalidade do que fora produzido para si próprios, como se de tudo pudessem dispor. A humanidade não age da mesma forma em seu cotidiano? Não vivemos como se fossemos donos de nossa vida, de nossa existência e de tudo que produzimos, de tudo que nos cerca? Não nos portamos como se tudo a nossa volta fosse de nossa propriedade e tivéssemos direito a mantermos tudo conosco, como se donos fossemos? Não seríamos nós, assim como os vinhateiros, apenas arrendatários do que aparentemente possuímos? Não deveríamos prestar contas ao Criador da “produção da vinha” que dela participamos, apesar de não sermos dela proprietários?

Esquecemo-nos de que viemos a este mundo nada portando e dele sairemos igualmente sem qualquer pertence, mas passamos a vida sentindo-nos proprietários do que conquistamos, quer sejam coisas ou mesmo pessoas. Estamos sempre nos apropriando de tudo que alcançamos, inclusive de nossa própria vida. Cabe a ressalva, entretanto, de que somente as boas coisas o ser humano deseja se adonar, até mesmo de seus dons, divinamente implantados e graciosamente entregues, são considerados talentos próprios e seu desenvolvimento decorrente do esforço pessoal. Porém, os malfeitos são sempre provenientes do contexto, da sociedade que nos cerca, dos parentes, principalmente dos pais, e até da falta de sorte, nunca são conseguintes de escolhas equivocadas, posturas inadequadas, opções erradas. Seríamos nós totalmente independentes, absolutamente livres? Será que não participamos, especialmente a comunidade ocidental, de uma comunidade de pessoas que muito confia, as vezes até de forma ilimitada, na própria humanidade, acreditando em sua capacidade sem limites de se adonar de seu universo?

Outra abordagem desta parábola muito interessante e geradora de importantes reflexões é a forma que São Basílio, monge e bispo de Cesaréia da Capadócia, figura basilar do monasticismo oriental, especialmente com sua detalhada regra de vida. Ele nos lembra de que o Senhor compara frequentemente a alma humana com a vinha, alma esta que Ele cercou e proporcionou segurança, com seus mandamentos, sua Palavra e seu exemplo de vida e com seus anjos. Requer, Jesus, entretanto, que produzamos frutos, e os reservemos não para nós, ou nosso deleite, mas para os entregarmos ao Senhor da vinha – ao Criador. Porém, mais uma vez, sugiro que reflitamos como que, em nosso cotidiano, rejeitamos o Senhor e seus mensageiros, com nosso desprezo, nosso repúdio e o abandono à própria sorte. Nossos atos, frequentemente, representam o desdém à sua Palavra, pois optamos pelas coisas do mundo, pelas posses temporárias como se fosses definitivas, pelos prazeres mundanos como se fosses elevar-nos à salvação. Preferimos, quase que rotineiramente, a justiça humana em detrimento do amor divino.

Pois bem, continuemos com nossa parábola reportando-nos ao diálogo estabelecido entre Cristo Jesus e os líderes judaicos, mais especificamente no versículo 40 do trecho bíblico em tela, quando o Senhor questiona o que deveria ser feito com os lavradores maus. Mais uma vez, os líderes apresentam seu veredito humano, com seu próprio castigo, sentenciando os vinhateiros a um horrível destino, além do arrendamento da vinha a outros que venham a honrar com o acordo feito com o “proprietário”. Lembra, Jesus, aos seus irados ouvintes, os versículos 22 e 23 do Salmo 117: “*A pedra rejeitada pelos arquitetos tornou-se a pedra angular. Isto foi obra do Senhor, é um prodígio aos nossos olhos.*” Referia-se, assim, a si mesmo quando menciona a “*pedra angular*”, a pedra fundamental, a pedra basal de uma edificação que sobre ela recai todo o peso da construção, cuja rejeição pelo povo judeu e, especialmente, pelos seus líderes, proporciona a sua retirada da locação da “vinha”, o reino de Deus, para ser entregue a um povo que renderá bons frutos ao seu senhor. Entretanto, tenhamos o cuidado de não vermos tal colocação como uma atitude étnica, mas sim comportamental, tomando por base a fidelidade no relacionamento com Deus. Cada um de nós pode ser o agricultor infiel ou o novo povo herdeiro da vinha, depende de nossa compreensão, nossas atitudes, nossa fidelidade para com o Senhor e nosso trabalho em sua vinha.

Jesus, profeticamente, apresenta esta parábola, apontando sua rejeição maior pelos “vinhateiros”, chegando ao extremo da própria morte, que seria, inclusive, fora dos muros de Jerusalém (a morte do filho do senhor da vinha fora dos muros, v. 39). Evidencia-se, porém, não o desejo de punição do dono da vinha, mas a maldade dos agricultores que provoca tal decisão, apesar de todas as tentativas de aproximação por parte do senhor. Lembremo-nos das palavras de Jesus apresentadas por João sobre ser Ele a nova vinha: “*Eu sou a videira; vós, os ramos. Quem permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.*” (Jo 15,5)

Não nos esqueçamos do ponto importante dessa parábola, ao sermos, mais uma vez, chamados para o trabalho na vinha de Deus – o reino do Senhor na terra. Somos convidados pelo Pai ao trabalho da construção do reino e Ele está sempre no aguardo de nossa fiel resposta, nossas atitudes no cotidiano, nossa postura diante dos outros e do mundo, nossa capacidade, de forma humilde e desapegada, de gerar contínuas mudanças e bons frutos, em nós e ao nosso redor.

Um fraterno abraço a todos,

Milton Menezes.